

## EXCELENTES VIZINHOS OU POR QUE NINGUÉM AJUDARIA A VOVOZINHA

Natalia Borges Polesso/PUC

Este artigo analisa o conto *Excelentes vizinhos*, de Tânia Jamardo Faillace, na perspectiva do espaço urbano em contraposição ao espaço privado. Primeiramente apresento uma biografia resumida de Tânia, visto que a autora é uma ilustre desconhecida atualmente, em seguida faço algumas exposições sobre o espaço urbano e a narrativa, depois apresento a análise do conto e, por fim, teço algumas considerações finais quanto ao assunto.

Contista, romancista, dramaturga, pintora e jornalista, Tânia Jamardo Faillace é porto-alegrense, nascida em 30 de janeiro de 1939 e atualmente reside em Porto Alegre. Em 1961, Tânia começa a trabalhar na ASCAR (atual EMATER) e nesse mesmo ano conhece Lara de Lemos, que mais tarde servirá de ponte com Erico Verissimo e que a recomendará para publicação seu primeiro romance, *Fuga* (1964). Em 1963, tem seus contos publicados na *Revista do Globo* e *O Estado de São Paulo*. Em 1969, Tânia participa da *Antologia do Conto Gaúcho* (1969). Em 1971, publica *O 35º ano de Inês* (1971) e participa da antologia *Porto Alegre Ontem e Hoje* (1971). A obra *O 35º ano de Inês* tem excelente crítica e uma segunda edição é lançada. Ainda em 1976 participa da antologia *Assim escrevem os gaúchos* (1976). Tânia publica *Vinde a mim os pequeninos* (1977) por conta própria e *O 35º ano de Inês* ganha uma terceira edição, ela ainda participa da antologia *Malditos Escritores* (1977), organizada por João Antônio. No ano seguinte, lança *Tradição, família e outras histórias* (1978) e participa de três outras antologias, *O Moderno Conto Brasileiro*, *Antologia da Literatura Rio-grandense Contemporânea* e *O Conto da Mulher Brasileira*, respectivamente organizadas por João Antonio, Antonio Hohlfeldt e Edla van Steen. Tânia participa de *Contos Brasileiros* (1981) em 1981 e dois anos mais tarde lança *Mário/Vera* (1983). Nesse mesmo ano, ela participa de uma antologia organizada pela revista *Dérives* de Montreal, Canadá, chamada *Nouvelles Brésiliène* (1983). Márcia Denser organiza uma outra coletânea com a participação de Tânia, no ano seguinte, *O Prazer é todo meu* (1984). Em 1985, a autora participa de três antologias, sendo que mais uma internacional, *Rodízio de Contos* (1985), organizada por Charles Kiefer, Laury Maciel e Arnaldo Campos, *Novo Conto Brasileiro* (1985), por Malcolm Silverman e *Posse da Terra – Escritor Brasileiro Hoje* (1985), em Portugal, preparada por Cremilda Medina. Em 1986, *Mário/Vera* ganha nova edição pelo Círculo do Livro, extinto no final de 1980. Dois anos mais tarde, Tânia abandona suas atividades no jornalismo e passa a se dedicar à escrita final de seu épico urbano, *Beco da Velha*, ainda não publicado.

Quanto ao inusitado último título, em entrevista, no suplemento *Autores Gaúchos* (1988), a autora diz: “queria fazer um romance a partir da prostituição gaúcha, a partir das minhas vivências na área de jornalismo. Fiz pesquisa, andei nos bordéis de Porto Alegre e Canoas, conheci pessoas [...] começa aí a história do poder, da moradia, da rivalidade.” (FAILLACE, 1988, p. 6).

Temas recorrentes em sua escrita, as relações de poder, assimetria social e a cidade perpassam decisivamente sua obra, que é, em maior parte, produzida quando a situação social, política e cultural no Brasil era instável, em função do golpe militar de 64, da ditadura subsequente e seus atos institucionais de censura. É possível afirmar que, ao longo dos anos, devido ao silenciamento e marginalização cultural e educacional da mulher, bem como das classes menos favorecidas economicamente e com menos acesso à cultura, criou-se uma lacuna sociocultural. Considerando o período entre 1960 e 1980 o momento da maior produção escrita da autora, seus contos se ambientam na angústia, solidão e incompreensão em que vivem tanto as personagens. Então, a interpretação e a análise de obras literárias, contendo modos de representações dessas vivências, para os estudos literários, pode constituir documento com poder para questionamento do cânone literário e também para autorização de reconhecimento e divulgação das obras até então marginalizadas, transformando totalmente a história da literatura e a memória cultural. É claro que esta não é a finalidade última da literatura, resgate histórico ou análise estética, mas com esses trabalhos, podemos ampliar as vistas do que se entende hoje por literatura e sua prática.

Em depoimento, à guisa de introdução de seu livro *Tradição, Família e outras estórias* (1978), Tânia diz “Escrevi histórias. Uma forma de ruminar experiências; fazê-las durar, evoluir, sentir seu sabor mais profundamente.” A produção de contos de Tânia compõe mesmo um álbum de fotografias que, nas décadas de 1960 e 1970, desvenda o íntimo do ser humano, seus desencontros e a assimetria política, social, cultural e de gênero em que se vivia e ainda se vive.

Sendo assim, não podemos reduzir o lugar de Tânia Faillace – tomada aqui simbolicamente por tantas outras autoras marginalmente inscritas na história da literatura do Rio Grande do Sul e, por que não dizer, na história mundial da literatura – a um pequeno baluarte de importância escassa. Quando, numa análise despida de preconceitos, poderia constituir também um centro referencial na produção literária e seu sistema. É por isso que a reflexão constante acerca de eventos históricos e todos os demais processos de construção cultural de uma sociedade é de suma importância para o entendimento dos modelos de legitimação que seguimos ou apenas aceitamos hoje. Se não houver reavaliação desses

processos, a ideia de deslocamento, de que não há lugar de fato para produções marginais, sempre persistirá, solidificando uma visão estreita de literatura e de processos culturais.

A cidade pode ser vista de maneira plana, como um aglomerado de casas, prédios de apartamentos, lojas, oficinas, escritórios, praças, edifícios públicos a qual está distribuída em ruas, avenidas, alamedas, becos, travessas, pontes e é atravessada por estradas, rodovias, rios. Porém, o que confere sentido à palavra cidade, no que diz respeito a sua urbanidade são as pessoas que nela coabitam. Ou melhor, são as relações entre essas pessoas. Relações de assimetria, de poder, de dominação. É na cidade que Tânia Jamardo Faillace, em *Tradição, Família e outras histórias* (1978), captura as relações humanas e constrói paisagens urbanas (e humanas) bastante distintas e, por vezes, bastante selvagens, se é possível o oxímoro.

Em *As cidades invisíveis*, de Ítalo Calvino, o narrador diz ao sábio Kublai, “jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo, existe uma ligação entre eles.” (2002, p. 59). De fato, decifrar a representação literária de uma representação histórica, vista e construída por uma perspectiva feminina, é, praticamente, reinventar a cidade tal como a conhecemos, seus espaços e suas relações ou revisitar-la com olhos novos. O narrador de Calvino, no trecho acima referido, segue a descrever Olívia, uma cidade muito bonita e próspera, e não vê outro meio de descrevê-la, a não ser por seus palácios e outros símbolos de riqueza, mas também seu ar repleto de fuligem e gordura que gruda nas paredes. Ele diz que não poderia construir outro discurso que não esse e emenda: “a mentira não está no discurso, mas nas coisas.” (2002, p. 60). Em consonância com esse narrador, Tânia Jamardo Faillace adverte no epílogo do livro em análise: “Qualquer semelhança com fatos e personagens reais não é mera coincidência. Com poucas exceções, as histórias deste livro tiveram como ponto de partida vivências jornalísticas pessoais – ou de terceiros, através de noticiários da imprensa.” (FAILLACE, 1978, p. 11).

Nesse sentido, a análise proposta desvela o lugar literário que a obra arquiteta ou inventa através da voz narrativa ou das personagens construídas pela autora. A prosa de Tânia Faillace é um complexo mosaico das relações sociais urbanas e de como essa urbanidade é imaginada, pensada e constituída e, porque não dizer, experienciada. A representação de urbanidade e de como ela é construída, por meio de relações intersubjetivas, recria territórios significativos para a literatura e para as representações do feminino na história. A cidade de Tânia Jamardo Faillace é Porto Alegre, onde morou e trabalhou durante o período em que escrevia o livro. Sua escrita recria uma Porto Alegre hostil, por meio das relações entre as personagens e entre as personagens e o espaço, definido como urbano pelo modo de vida.

Assim, a unidade que caracteriza a urbanidade, e não apenas a cidade, está nas relações intersubjetivas e suas práticas, no modo de vida do espaço urbano, como dito anteriormente. O urbano pode ser entendido na medida em que se avaliam seus processos socioculturais intrínsecos. Os contos de Tânia criam possibilidades de compreensão dessas relações via uma experiência feminina de literatura e de urbanidade, visto que a autora produz os contos em análise no período da ditadura, e no cerne do desenvolvimento urbano de Porto Alegre. É interessante salientar a desarticulação que essa compreensão provoca em dois níveis: a mulher na literatura e a representação social no espaço urbano por um viés feminino. Conforme Schmidt, (1995), os estudos sobre a relação mulher e literatura surgiram no Brasil nos anos de 1970, mas só na década seguinte é que um volumoso número de pesquisas conquistou legitimidade acadêmica,

desencadeando discussões que vão da construção cultural do sujeito de gênero (feminino/masculino) nos sistemas de representação simbólica ao questionamento dos aspectos logo e etnocêntrico da episteme ocidental moderna. [...] estão surgindo outros nomes, silenciados na historiografia oficial e cuja emergência tem desencadeado uma verdadeira desarticulação da visão canônica de nosso passado literário, especialmente no que se refere aos pressupostos holísticos de verdade, significado e valor que a tradição dominante elevou à categoria de universais atemporais e que sustentaram, até hoje, a sua configuração. (SCHIMDT, 1995, p. 182-183)

Tânia Jamardo Faillace tem sua produção escrita entre as décadas de 1960 e 1980, protagonizando, com suas contemporâneas Clarice Lispector, Hilda Hilst, Lya Luft, Patrícia Bins, entre outras, o movimento literário de luta pela visibilidade feminina que se instaurava. Outro nível da mencionada desarticulação é a prosa de Tânia em análise neste estudo, que, além de escrita no período anteriormente mencionado, também trata da presença da mulher na cidade. Mas não somente isso, ela escreve sobre o que está acontecendo à sua volta, sobre as conquistas e as vicissitudes do ser humano frente a novos modos de relações. Tanto para a mulher que passa a ter mais visibilidade e presença marcante em âmbitos que antes eram de domínio exclusivamente masculino, como, por exemplo, no trabalho formal, quanto para o homem que também se reconfigura para um novo cenário mundial. Ademais, a autora trata das assimetrias sociais provocadas por esse processo humano de reconstrução de sua própria identidade com relação à *práxis* e ao *ethos* urbano.

No decorrer da história e da literatura brasileira, há poucos registros de nomes de mulheres que escreveram obras na esfera das relações sociais empreendidas no espaço urbano. Entre elas figuram Patrícia Galvão com *Parque Industrial* (1933), sobre a vidas de operárias e suas árduas jornadas de trabalho; Carolina Maria de Jesus com *Quarto de despejo* (1960),

que fala da crescente periferia em decorrência do grande desenvolvimento dos centros urbanos; Alina Paim com *Sol do meio-dia* (1961), sobre uma moça sem família que mora no então efervescente Rio de Janeiro; e Maria Lourdes Teixeira com *Rua Augusta* (1962), que aborda o espaço urbano burguês.

Assim, deve ser levado em conta o fato de que as mulheres por muito tempo não foram sujeitos dos seus discursos, e, nas palavras de Sarlo, tiveram que reconstruir “aquellas dimensiones de la experiencia frente al cambio cuyas huellas, muchas veces [são] cifradas, enigmáticas o contradictorias” (1988, p. 9). Muitas escreveram e recuperam hiatos, talvez num período de silêncios ditatoriais, outras no silêncio de sua condição feminina apenas, tecendo um projeto audacioso e, no caso dos contos em análise, magistralmente executado pela autora.

O livro *Tradição, Família e outras histórias* (1978) aborda temas urbanos e rurais e é dividido em quatro partes temáticas, quais sejam, tradição, família, propriedade e terror. Para este trabalho, analiso um dos contos, referente à temática urbana, “Excelentes vizinhos”, pois esse se alinha com a proposta deste evento.

“Excelentes vizinhos” faz parte do eixo temático da família, assim como e é uma narrativa entrecortada por falas de vizinhos sobre um tiroteio que possivelmente ocorrera na rua, ou em algum dos apartamentos da vizinhança. É essa a dúvida que cria o desconforto e motiva as conversas. A confusão de diálogos e a desinformação sobre os fatos gera angústia nos personagens e no leitor. O texto recria, com alguma ironia, a desordem e a rapidez das relações humanas no espaço urbano.

O conto inicia com uma alusão à história de Chapeuzinho Vermelho, com uma pequena modificação, o que dá todo sentido ao título:

Toc... toc... toc...  
Quem bate?  
Sou eu, vovó, Chapeuzinho Vermelho, sua neta...  
Pode entrar, minha netinha...  
E o lobo entrou e comeu a vovozinha de Chapeuzinho Vermelho.  
Vovozinha não tinha vizinhos. (FAILLACE, 1978, p. 86)

Na rua onde a história acontece, todos os moradores abandonam o tiroteio televisivo para observar um maior, o que ocorreria no edifício da frente. Ao contrário da vovozinha, as pessoas afetadas pelo o incidente tinham vizinhos, mas isso pouco adiantou. O que se passa é uma sucessão de especulações acerca dos barulhos ouvidos, e depois, atentamente escutados, porém não ocorre nenhuma ação que validasse a presença dos vizinhos, nenhuma ajuda, nenhuma preocupação legítima.

No primeiro apartamento, um major reformado explora a ideia de que é uma investida policial contra algum traficante, enquanto a mulher desconfia de que é um marido ciumento que matou a mulher, que inspirava pouca confiança aos vizinhos. De qualquer maneira, a excitação era geral, e o espetáculo estava posto, até que algum desmancha-prazeres resolveu fechar as cortinas.

A vida alheia sempre foi alvo da curiosidade humana, vide as novelas de folhetins ou mais ainda as televisivas que já perduram por décadas, e, nos últimos dez anos, os *reality shows* que detêm audiência frenética e constante. Porém, a proximidade que as relações de urbanidade trouxeram e consolidaram fazem o espetáculo muito mais presente na vida cidadina. A observação e o julgamento do comportamento alheio é uma maneira de vigiar e, de certa forma, punir quem não está em concordância com o modelo proposto de convivência, dentro de um discurso já legitimado. Chamar ou não a polícia, questionavam-se as personagens, porque o silêncio que se fizera na rua “não parecia decente” (1978, p. 87). Essa frase é interessante, pois caracteriza a cidade como barulhenta, e mais, diz que seu barulho é normal e decente. O silêncio é motivo de preocupação, coisa que na vida fora da cidade é o contrário.

Num outro apartamento, uma mãe sinalizava de forma ostensiva para que o pai encerrasse o espetáculo, mas suas crianças não estavam de acordo. “A gente pode ir lá fora?” (1978, p. 87), uma chave torcida na fechadura respondia-lhes que não. Enquanto isso, o pai e a mãe também não entravam em consenso para a decisão de telefonar ou não para as autoridades. Questionavam-se, fosse a polícia, tudo bem, mas e se não fosse? Acabaram por deixar a responsabilidade para o major que, segundo a mãe, possuía um telefone.

O terceiro apartamento teria sofrido a pior das consequências, “os tiros tinham estragado tudo. Cinco minutos depois... e não fariam diferença. Agora os dois estavam deitados lado a lado, sem assunto.” (1978, p. 87). Todas as personagens se sentem inseguros para interferir, e nenhum interfere. Os do terceiro apartamento por uma questão muito simples, como se percebe em “Você não acha que a gente deveria...? / E explicar você aqui, com meus pais fora? / Tem razão – e a moça fumou quieta mais um minuto ou dois.” (1978, p. 88).

Um rapaz “que não podia estudar porque estava de ressaca, enfiou a cabeça no corredor” (1978, p. 88), viu o zelador e perguntou o que estava acontecendo. O zelador respondeu que era uma batida policial e que ninguém deveria se meter.

No sexto apartamento, um pai de família diz que os barulhos aconteceram bem na hora em que entrava em casa, e ainda brincou que lhe soaram como uma banda ou uma salva de palmas.

Nesse momento há uma retomada da história de Chapeuzinho Vermelho e a comparação inequívoca e especulatória. “Por que vai ver foi igualzinho... quem bate? – e numa voz fininha: – Amigo!” (1978, p. 89), mas quem teoriza sobre o conto é interrompido e fica sabendo, na opinião de seu interlocutor que nunca dizem isso e sim “abram em nome da lei!” (1978, p. 89), mas aquilo também parecia conversa de seriado dos *Intocáveis*, rebatiam-lhe. O fato é que as pessoas continuavam sem saber o que tinha acontecido.

“Guerra de quadrilha – opinou o gordo. Bicheiro contra bicheiro, e nesta hora de desespero com a Loteria Esportiva” (1978, p. 89). A mulher opinava sobre crime passional. Esses dois pareciam ter mais paredes entre eles mesmos, do que entre os vizinhos.

Um homem chegava após a confusão e a esposa, indo ao seu encontro, o prevenia, “Teve tiroteio ali no edifício do lado [...] como é que passaste?” (1978, p. 89). Mas o homem estava cansado demais, pois chegava de seu terceiro emprego.

Uma personagem ironiza que tudo não passara de um comercial de surdinas. A moça que há pouco fumava, resolve que aquilo tudo tinha perdido a graça e vai embora. E o major aproveita para expressar sua opinião dizendo que era por isso que era favorável à pena de morte, que eram marginais e colocavam a vida das pessoas em perigo e arremata “por que não fazem seus esconderijos longe das habitações?” (1978, p. 90). A filha do major faz uma piada macabra “Quem sabe não foi uma execução da Escuderia LeCocq?<sup>1</sup> Vejam, ninguém gritou, ninguém fez nada. É o respeito pelo terror” (1978, p. 90). Certamente, havia algum tipo de respeito ou covardia pelo medo, pelo terror.

Enquanto isso, uma velhinha assistia ao *Dr. Coração* e o admirava por ter “aquela noção de honra, que se tinha antes, aquele respeito entre classes...” (1978, p. 91). Seus filhos vão saindo do quarto, pensando em sair agora que tudo tinha se acalmado, e mais uma vez, a certeza de que o major teria chamado a polícia, afinal, tinha telefone.

Nesse ponto os diálogos já se perdem no próprio caos que a narrativa recria, não se pode mais ter certeza de quem são as personagens que falam. Alguém reclama da alienação geral. A moça vai mesmo embora e um pai de família reclama exaltado, enquanto seu filho escreve uma redação escolar. A atenção se volta para o filho quando ele pede como se soletra

---

<sup>1</sup>Organização paramilitar dos anos 60 e 70 que teria dado origem aos grupos de extermínio da época. O nome faz menção a um detetive carioca, Milton LeCocq que teria sido assassinado. Para “vingar” sua morte, criou-se o tal grupo (<http://www.torturanuncamais-rj.org.br>).

Napalm<sup>2</sup>. O pai estranha, a mãe elogia. Um pai se preocupa com o que ele acha ter sido uma batida policial. Uma esposa implora para que o marido largue um dos empregos e volte mais cedo para casa, enquanto ele diz que um tiro na cabeça não lhe ia mal.

Finalmente, o zelador do prédio dignou-se a bater de porta em porta para informar os moradores:

Desculpe a hora. Era só para tranquilizar. Está tudo em ordem agora. Não foi nada. Um incidente sem importância. Tudo resolvido. Nem vai sair no jornal, amanhã. Telefonaram, sim. Eu telefonei também. Tudo certo. Tudo calmo. Nenhum problema. Não, não sei direito. Mas não foi nada. (FAILLACE, 1978, p. 93)

Mesmo sem nenhuma explicação efetiva e confiável, o major suspirou aliviado, assim como a filha e a esposa. Um dos rapazes que saía conclui, “Nem chegou a acontecer nada” (1978, p. 94). Assim, todos seguem normalmente suas vidas. O rapaz que não conseguia estudar por conta de uma ressaca, resolveu dar uma volta. Vê os outros rapazes saindo, a moça indo para casa e na calçada “pegadas escuras, pegajosas, manchavam toda a calçada...” (1978, p. 94).

A cidade institui relações de afastamento em um espaço de proximidades. O cenário do conto é uma rua com prédios de habitação em um bairro familiar, o que confere, no senso comum, certo sentimento de segurança, bem estar e pertença. Porém, quando esse bem estar é quebrado por um tiroteio, o que se evidencia é a falta de vínculos e o medo. Pode-se mais uma vez lembrar que a autora escreve no período da ditadura e que, em geral, seus textos se caracterizam por relações mediadas pelo medo contínuo de alguma forma de repressão ou punição. Segundo Bourdieu (2010), o espaço de relações que um grupo constitui pode ser tão real quanto um espaço geográfico e pode também ser identificado pelos movimentos que organizam. No caso dos vizinhos, nota-se a extrema fragilidade das relações de convivência trazidas pela nova configuração urbana – prédios de apartamentos – a medida que as pessoas se aproximam fisicamente e estruturalmente, elas também criam uma distância simbólica em suas relações de convívio, talvez para criar a ilusão de um espaço de respeito ou mesmo um espaço de distinção de classe. Esse antagonismo de proximidade e afastamento também marca um dos fatores das relações urbanas modernas.

No conto, as paredes dos apartamentos separam as pessoas e suas vidas, contudo, não diferenciam o sentimento de angústia, mesmo que particular. Esse sentimento é compartilhado. As paredes protegem, mas ao mesmo tempo, não permitem ver. Todos

---

<sup>2</sup> Líquidos ou gel inflamáveis à base de gasolina, utilizado na feitura de bombas caseiras.

estavam preocupados com os tiros disparados na vizinhança, mas poucos foram os que saíram da sua fortaleza, dos seus apartamentos para perguntar o que havia acontecido. O zelador foi uma espécie de elemento conector entre as famílias, ou, ao menos, entre a informação que agora essas famílias partilhavam. Talvez não fossem exatamente as paredes, o cimento, o concreto que atrapalhasse as relações entre vizinhos, talvez fossem mais os pudores, os inconvenientes, o abstrato. A autora constrói cada apartamento como um espaço de relações e aponta para a falta de entendimento nessas relações num plano maior, no campo social, na vizinhança – e por vezes, na família. Mesmo que a distância seja de uma porta, de um corredor, não há ligação entre as famílias, elas sabem que o major tem um telefone, mas todas as outras informações são, na verdade, mais questionamentos, dúvidas, especulações. A divisão dessa vizinhança, desse campo possivelmente se baseie em um outro aspecto das relações de força: o medo. O medo da própria cidade e dos elementos que ela carrega, pivetes, ladrões, traficantes de drogas, e na época, mesmo a polícia.

O conto *Excelentes vizinhos* põe em evidência a superficialidade das relações humanas no contexto da urbanidade. Os vizinhos realmente são excelentes, porém em especulação e, talvez, falsidade. Não mais do que uma olhada, um bom dia no elevador. Mas sem deixar de pensar sobre qualquer fator de estranhamento que o vizinho possa demonstrar ou não. Até os medos, mesmo que sejam os mesmos, são particulares e privados. Todos estão atrelados ao seu individualismo, o que é um fator contraditório quanto à construção de relações na cidade. As pessoas são obrigadas a se aproximar, então criam outro tipo de afastamento. Assim, sentem-se pertencentes a um lugar, mas sem perder sua individualidade.

## **Referências**

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DEL PRIORI, Mary. (Org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

DORNELLES, Beatriz. (Org.) *Porto Alegre em destaque: história e cultura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FAILLACE, Tânia Jamardo. *Tradição, família e outras histórias*. São Paulo: Ática, 1978.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GRIMM, Irmãos. *Contos de Fadas*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra J. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

TELLES, Norma. Autora+a. In: JOBIM, J. Luiz. (Org.) *Palavras da Crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

ZANOTTO, Gizele. Tradição, Família e Propriedade: Cristianismo, sociedade e salvação. In: *Anais do XI Congresso Latino-Americano sobre Religião e Etnicidade - Mundos Religiosos: Identidades e Convergências*. São Bernardo do Campo: UMESP / ALER, 2006.